

VALORIZAÇÃO DO CENTRO HISTÓRICO DE SÃO LUÍS – MA E NOVAS MANEIRAS DE CONSUMO DA MÚSICA: um olhar sobre o festival BR 135

Kláutenys Dellene Guedes Cutrim
Sarany Rodrigues da Costa
Walline Alves Oliveira

RESUMO

Visando obter maior entendimento sobre as novas formas de consumo da música, alicerçadas nas tecnologias e no ciberespaço, bem como na Indústria Cultural, analisaremos de modo interdisciplinar neste artigo, as “novas” cenas musicais que despontaram a partir das transformações que estão acontecendo na Indústria Fonográfica: os festivais de música independente, que valorizam a música ao vivo e a ocupação, com arte, de espaços históricos das cidades. O trabalho, que é fruto de pesquisa bibliográfica e etnográfica, tem como objeto de estudos o Festival BR 135, ocorrido em São Luís – MA no ano de 2014.

Palavras-chave: Indústria Cultural. Música. Centro Histórico. Festival BR 135.

1 INTRODUÇÃO

As recentes transformações que vêm ocorrendo na Indústria Fonográfica e, conseqüentemente, no modo de produção, distribuição e divulgação da música na contemporaneidade têm despertado o interesse de pesquisadores e, como decorrência, vários estudos que abordam essa temática estão sendo desenvolvidos nas áreas da comunicação e da música. São pesquisas que se debruçam a compreender como os avanços tecnológicos, bem como o surgimento do ciberespaço – e todas as implicações inerentes a essa nova forma de sociabilidade em rede – foram decisivos para estabelecer um novo modo de se pensar a música hoje.

Simone Pereira de Sá, Micael Herschmann e Gisela Castro são alguns dos pesquisadores que têm realizados importantes trabalhos nessa área. Acompanhando o olhar desses autores, podemos constatar o quanto importantes são os estudos em torno das mudanças no modo de produção da música neste século e compreender essa nova configuração da indústria cultural, pautada na indústria da música, e difundida pelas novas tecnologias e novos canais de comunicação massiva que surgiram com o advento da Internet.

Visando obter maior entendimento sobre as implicações inerentes às novas maneiras distribuição e consumo da música, buscamos compreender, de modo interdisciplinar neste artigo, as “novas” cenas musicais que surgiram em decorrência dos impactos que a indústria fonográfica sofreu nos últimos anos. Assim, nosso elemento de análise são os festivais de música independentes, que vêm crescendo em número e importância em todo o país.

Como estudo de caso, pesquisamos o Festival BR 135, que aconteceu na cidade de São Luís – MA, em Dezembro de 2014, e faz parte da Rede Brasil de Festivais e Circuito Nordeste de Festivais. O “BR 135” é o reflexo de um movimento crescente em todo o país. A ele dois importantes conceitos estão alinhados: acesso gratuito à arte e a preocupação com a ocupação do Centro Histórico de São Luís, que foi declarada pela Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO), no ano de 1997, como Patrimônio Mundial da Humanidade pelo seu conjunto arquitetônico colonial português, e hoje pouco tem intervenções sociais e culturais na área.

Assim, com este artigo, contextualizaremos os festivais de música independente envoltos com questões relativas à indústria cultural e, no âmbito das novas maneiras de consumo da música, faremos uma interface com o Centro Histórico de São Luís e suas opções de lazer cultural. Analisaremos, por fim, a promoção do Festival BR 135 como estratégia para valorização do Centro Histórico de São Luís - MA. Para essa ótica, buscamos analisar estudos de autores como Choay (2001), Gonçalves (2006) e Silva (2009).

Para desenvolver o artigo, utilizamos duas metodologias científicas: a bibliográfica e a netnográfica. A bibliográfica foi de fundamental importância para o conhecimento e compreensão do que já foi estudo sobre as temáticas: comunicação, cultura de massa, cibercultura, música, patrimônio e lazer cultural. Para a pesquisa aplicada optamos pela pesquisa netnográfica, ou etnografia virtual, que é um modelo de pesquisa etnográfica projetada especificamente para estudar culturas e comunidades digitais. Logo, analisamos os sites e rede social do Festival BR135, e realizados entrevistas mediadas pelo computador com membros da equipe do festival.

2 BREVE ABORDAGEM SOBRE OS FESTIVAIS DE MÚSICA NO BRASIL

A música popular brasileira passou a ganhar maior evidência com o surgimento da televisão, na década de 1950. Na década 1960, início da efervescência dos grandes festivais de música na TV, mais de dois milhões de aparelhos televisivos já haviam sido vendidos no Brasil.

Nas décadas de 1960 e 1970, o Brasil vivia uma efervescência cultural com os festivais de músicas promovidos pelas principais emissoras de TV do país. Os maiores ídolos brasileiros eram cantores que foram descobertos e começaram a ganhar reconhecimento nacional em festivais, como exemplo, Caetano Veloso, que em 1966, ganhou destaque após uma premiação no 2º Festival de Música Popular Brasileira, da TV Record, de São Paulo. Este mesmo festival lançou importantes nomes da cultura musical do nosso país, tais como: Edu Lobo, Chico Buarque de Holanda, Milton Nascimento e Elis Regina. Na TV Globo, o principal programa musical tinha duração de quatro horas. A televisão se tornou o par ideal para a música popular brasileira. Imagem e som se completam e até hoje deslumbram os espectadores.

Hoje, mais de 50 anos depois, a música popular brasileira ainda possui espaço cativo nos programas televisivos, porém não mais comparado com o espaço que possuía no começo da história da TV no Brasil. Os festivais de música já não estão mais na cena da televisão. Eles migraram para outros espaços e vêm aumentando a cada ano em todas as regiões brasileiras. A televisão já não é o principal vetor de divulgação dos festivais de música brasileiros.

Assim, diferentemente dos antigos festivais da canção do século passado e dos grandes eventos atualmente realizados no Brasil, pode-se dizer que os novos festivais independentes: 1) usam basicamente mídias alternativas e interativas; 2) reúnem artistas que geralmente não têm vínculos com as grandes empresas; e 3) constituem importantes espaços de consagração e reconhecimento dos músicos dentro do nicho de mercado em que atuam. Em certo sentido, pode-se afirmar que estes coletivos de músicos brasileiros vêm construindo de forma criativa e bem-sucedida novos circuitos de produção-distribuição e consumo culturais (HERSCHMANN, 2010, p. 27).

Com a lógica de interatividade do ciberespaço, o público passou a estar mais próximo do artista, atuando, por vezes, como cerne do processo de criação de sua obra, na construção, ao invés de ser um mero observador desse processo. O espaço virtual passou a ser o principal palco – e, por vezes, único – de divulgação de centenas de artistas ao redor do mundo. Logo, destacamos a importância essencial dos festivais de música independente para promoção da aproximação do artista com seu público para além dos espaços virtuais, nos concertos ao vivo.

Observamos, portanto, que novas estratégias de produção, difusão e consumo da música popular brasileira foram desenvolvidas pelos mentores brasileiros dos festivais independentes de música. Além de ser uma importante vitrine para artistas que constroem suas carreiras tendo como base o ciberespaço, a valorização da cultura local é outro diferencial dos festivais independentes no país. A partir desses festivais, um novo público vem sendo formado, tendo como forte aliado os mercados de nicho – ou redes de interesse musicais. Os festivais de música estão em uma nova era. Reinventaram-se.

3 UM NOVO FESTIVAL NO CIRCUITO

O Festival de música BR135 foi realizado no período de 18 a 21 de Dezembro de 2014, em São Luís-Ma. Ele faz parte de um projeto de mesmo nome (BR 135), que iniciou em 2012 e visa realizar shows, ações de cultura e cidadania, para formar plateia e fortalecer a cena cultural da capital maranhense. Em um formato menor, o festival foi realizado 15 vezes. Esse do ano de 2014 foi o primeiro em formato maior.

O fomento do mercado cultural independente, a divulgação e promoção da música maranhense contemporânea, além da preocupação com a ocupação do Centro Histórico de São Luís são os conceitos fundamentais do Festival. Mas, ultrapassando as barreiras dos shows, e bem conectado às novas tendências dos principais festivais de música independente do país, ocorreu ainda, concomitantemente, ao Festival o “Conecta Música”, com palestras, workshops, oficinas e rodada de negócios sobre o mercado da música, arte e cidadania, cultura digital e jornalismo cultural. Os dois eventos foram realizações do Projeto BR 135 e tiveram o apoio de leis de incentivo à cultura, além de patrocínio de órgãos estaduais e empresa de telefonia celular.

O hibridismo do Festival foi marcado por shows de artistas de vários locais do país no Centro Histórico de São Luís, tais como: a cantora Céu, de São Paulo, os paraenses Felipe Cordeiro e dona Onete, a banda pernambucana Mombojó, além de 14 bandas selecionadas pela organização, entre 273 inscritas de todo o Brasil.

4 CENTRO HISTÓRICO DE SÃO LUÍS: Palco do Festival

O Centro Histórico de São Luís é uma área de muito valor arquitetônico, paisagístico, histórico e cultura. Mesmo com todo esse valor, a região passou por um longo período de abandono não só por parte do governo que não executava ações de melhoria para o espaço, mas também pela população que não encontrava motivações para frequentá-lo em decorrência de seu mau estado de conservação. Esse estado de abandono por parte do governo se estendeu até o ano de 1974 quando o então Serviço de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN), reconhecendo o valor daquela área, resolveu tombá-lo o Centro Histórico de São Luís.

Depois dessa ação do governo federal, os governos municipal e estadual passaram a voltar seus olhares para aquela região, e a partir de então começaram a pensar em ações de proteção e revitalização para o Centro Histórico da capital maranhense. Assim, a necessidade de preservar e revitalizar surge no momento em que a população e os visitantes passam a se afastar do centro histórico de São Luís por causa das más condições do local. Esse afastamento, em sua maior parte, foi ocasionado por problemas relacionados às estruturas física e social daquele espaço.

No período posterior ao tombamento (1974), tanto o governo estadual, quanto o municipal criaram instrumentos para promoção do patrimônio histórico. Em 1975 foi inserido um item sobre esse assunto no Plano Diretor de São Luís, e em 1978 o estado sanciona a lei nº. 3.999/78 que trata sobre a preservação do Patrimônio Histórico, Artístico e Paisagístico no Maranhão (GONÇALVES, 2006). Em âmbito estadual registra-se, ainda, pelo Decreto Nº 5.069 de 11 de março de 1973, a criação do DPHAP, órgão encarregado de zelar e ordenar o patrimônio cultural do Estado.

O centro histórico de São Luís é composto por uma grande extensão territorial e um rico conjunto arquitetônico. De acordo com a arquiteta Daniela Gonçalves (2006), o centro histórico de São Luís possui, até o ano de encerramento da sua pesquisa, cerca de 3.500 imóveis tombados (entre estaduais federais). A autora assim os classifica:

O conjunto delimitado estritamente pelos perímetros dos Tombamentos Federal (cerca de 1.000 edificações) e Estadual (cerca de 2.500 edificações) possui um total aproximado de 3.500 imóveis de valor histórico e arquitetônico, a maioria civil, com construções do período colonial e imperial, com características peculiares nas soluções arquitetônicas de tipologia, revestimento de fachadas e distribuição interna (GONÇALVES, 2006, p. 36).

No âmbito estadual, as ações voltadas à preservação do centro histórico de São Luís foram concentradas na região da Praia Grande, isso ocorreu, inicialmente, por conta da grandiosidade do conjunto arquitetônico e pela falta de recursos para abranger toda área do centro histórico. A Praia Grande foi então escolhida por apresentar as mais significativas obras arquitetônicas de todo o conjunto tombado (SILVA, 2009).

As políticas ali empreendidas fazem parte do Programa de Preservação e Revitalização do Centro Histórico de São Luís (PPRCHSL), que começou a ser desenvolvido a partir da proposta do engenheiro americano Jonh Ulrich Gisiger, elaborada entre 1977 e 1979 (SILVA, 2009). O PPRCHSL se constituiu no principal programa de preservação para aquela região, tendo suas ações desenvolvidas, incluindo elaboração, no período de 1979 a 2006.

Os desdobramentos do PPRCHSL, além de promover a preservação e revitalização do centro histórico de São Luís, contribuíram de forma significativa para inscrição da cidade na lista de patrimônio da humanidade pela UNESCO, o que proporcionou uma maior valorização daquele espaço e conseqüente elevação nos números do turismo na região. Além dos visitantes/turistas que a Praia Grande recebe, essa região é vista pelos ludovicenses como uma opção de lazer, sendo também por eles frequentada. No entanto, as opções de lazer que aquele espaço apresenta têm se tornado insatisfatórias para muitos moradores e visitantes.

Apesar das opções de entretenimento que o espaço oferece, ainda há uma carência de atrações culturais diversificadas e que possam atender um público mais eclético. Nesse sentido, as ações de ocupação do Centro Histórico de São Luís, a exemplo do Festival BR 135, constituem-se em estratégias de incentivo à valorização do patrimônio local e, também, da cultura popular. Todavia, faz-se necessário maiores esforços no sentido de tornar o Festival um evento fixo no calendário de eventos da cidade.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A crise do modelo tradicional de produção e distribuição de música na Indústria Fonográfica, que surgiu desde a expansão da internet comercial no mundo, não é uma novidade neste cenário musical. Músicos independentes se deparam hoje com uma nova configuração nos processos que envolvem a música. A maioria dos artistas que se apresentaram no Festival BR 135 tem uma relação intrínseca com o ciberespaço. Este palco virtual está sendo fundamental para as carreiras dos artistas independentes hoje. Mas, o contato real com o público, promovido pelos festivais de música em todas as regiões do Brasil, proporciona outras relações entre artista e público e diferentes experiências estéticas se comparadas às vividas no ciberespaço. Herschmann (2010, p. 274) acredita que hoje há “um crescente interesse e valorização da música ao vivo e dos concertos realizados especialmente nos centros urbanos”.

Estruturas de palco mediadas (se comparadas à de grandes artistas ao redor do mundo), entrada gratuita em uma área central da cidade, um público interessado em ouvir e apreciar aquele músico ou banda que segue diariamente nas redes sociais ou, simplesmente, curioso para conhecer o som autoral de novos artistas locais e nacionais. Essa descrição se encaixa ao contexto do Festival BR 135.

A conscientização da valorização cultural de cada região vai além da promoção da música local. Os festivais de hoje têm também uma preocupação em valorizar os centros e espaços históricos das cidades. Na Feira de Música Independente de Fortaleza-CE, em 2014, os palcos são espalhados pelo Estoril - prédio histórico da cidade – e o Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura. Em Recife, o festival “Noite do Desbunde Elétrico” de 2014, ocupou o Centro da cidade.

Este também é o caso também do Festival BR135. Os palcos do Festival foram montados no Centro Histórico de São Luís-MA; o BR 135 preencheu o local com arte durante os dias de acontecimento do evento.

O Centro Histórico de São Luís é imerso em um ar cultural entre os azulejos nas fachadas dos sobrados que estão pelas ruas de pedra, becos, praças e largos. De acordo com um dos idealizadores

do Festival, o cantor, compositor e produtor musical Alê Muniz¹ o maior patrimônio de São Luís não é simplesmente o conjunto arquitetônico, mas a relação das pessoas da cidade com estes espaços históricos.

Nessa perspectiva e, corroborando com Choay (2001), devemos ultrapassar as fronteiras do culto acrítico ao patrimônio de nossa cidade, pois essa é uma “ficção narcisista” da qual devemos sair. Para tal feito, a autora afirma que devemos ter a competência de edificar:

Chamarei de competência de edificar a capacidade de articular entre si e seu contexto, com a mediação do corpo humano, elementos cheios ou vazios, solidários e jamais autônomos, cujo desdobramento na superfície da Terra e na duração tem um sentido tanto para aquele que edifica quanto para aquele que habita, assim como tem sentido o desdobramento dos signos da linguagem, de forma integrada e indissociável, no espaço sonoro e na duração, para aquele que fala e para aquele que ouve (CHOAY, 2001, p. 250).

Concluimos então que o Festival BR 135 pode ser considerado como fruto de um novo modo de consumo musical no Brasil. O conceito do Festival vai além da promoção cultural: ele visa integrar-se ao espaço em que se realiza, tornando-se assim uma opção de lazer, e ainda uma estratégia importante de ocupação e valorização do Centro Histórico de São Luís. Analisamos também que profundas mudanças de melhorias estruturais já foram realizadas no Centro Histórico, no entanto, ainda falta uma política de incentivo à ocupação permanente do local, para que lá seja vivido o presente, sem eu se perca a importância histórica e cultural. Pois, concordando com Choay (2001, p. 257), “esse reduto patrimonial poderá se tornar o terreno inestimável de uma lembrança de nós mesmos no futuro”. Afinal, sem ações governamentais mais contundentes de incentivo à ocupação e valorização do Centro Histórico, não apenas em situações específicas como a realização de um festival de música, quais lembranças teremos de nós mesmos nesse local daqui a algumas décadas?

1 Disponível em: <http://www.br135.com/festival.html>

VALUATION OF THE HISTORICAL CENTER OF SÃO LUÍS - MA AND NEW WAYS OF CONSUMPTION OF MUSIC: a look about the festival BR 135

ABSTRACT

In order to gain a better understanding of the new forms of music consumption, based on technologies and cyberspace, as well as in the Cultural Industry, we will analyze in an interdisciplinary way in this article the “new” musical scenes that have emerged from the transformations that are happening in the Industry Phonograph: the independent music festivals that value live music and the occupation, with art, of historical spaces of the cities. The work, which is the result of bibliographical and netnographic research, has as its object the BR 135 Festival, which took place in São Luís. In the year 2014.

Keywords: Cultural Industry. Music. Historic center. Festival BR 135.

REFERÊNCIAS

CHOAY, Françoise. **A alegoria do patrimônio**. Tradução de: Luciano Vieira Machado. São Paulo: Unesp, 2001.

GONÇALVES, D. S. “**Moro em edifício histórico, e agora?**”: avaliação pós-ocupação de habitações multifamiliares no centro histórico de São Luís - MA. 2006. 171f. Dissertação. (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2006. Disponível em: <<https://sigaa.ufrn.br/sigaa/verProducao?idProducao=310170&key>>. Acesso em: 23 ago. 2015.

HERSCHMANN, Micael. A indústria da música como laboratório. **Observatório**, São Paulo: Itaú Cultural, n. 9, p. 21-30, 2010,

SILVA, J. R.C. Políticas Públicas no Centro Histórico de São Luís: as etapas do processo de intervenções urbanísticas. In.: JORNADA INTERNACIONAL DE POLÍTICAS PÚBLICAS, IV., 2009. São Luís. **Anais...** São Luís: UFMA, 2009. Disponível em: http://www.joinpp.ufma.br/jornadas/joinppIV/eixos/5_estadoidentidade/politicaspUBLICAS-no-centro-historico-de-sao-luis-as-etapas-do-processo-de-intervencoesurbani.pdf. Acesso em: 28 ago. 2015.

MINIBIOGRAFIA

Kláutenys Dellene Guedes Cutrim

Professora do Programa de Pós-graduação em Cultura e Sociedade pela Universidade Federal do Maranhão. kdguedes@yahoo.com.br

Sarany Rodrigues da Costa

Mestra em Cultura e Sociedade pela Universidade Federal do Maranhão
saranycosta@live.com

Walline Alves Oliveira

Mestra em Cultura e Sociedade pela Universidade Federal do Maranhão
walline_alves@hotmail.com